
Representações da mulher em dissertações argumentativas de concluintes da educação básica: a orquestração de vozes na construção do posicionamento axiológico*

Aline Milena Borges da Silva Diasⁱ

Resumo: Este trabalho objetiva analisar a orquestração de vozes sociais na construção de um posicionamento axiológico em relação à mulher em dissertações argumentativas de concluintes da educação básica. À vista disso, a fundamentação teórica baseia-se principalmente nos trabalhos de Bakhtin (1997; 2006), Faraco (2009), Fiorin (2011), Guariglia (2012), Polachini (2014) e Rodrigues e Rangel (2015). A pesquisa foi realizada em uma escola pública da cidade de Recife (PE), onde foram coletadas 69 produções, das quais duas foram escolhidas pelo critério de Amostragem Aleatória Simples (AAS). Em ambas, a apropriação da voz alheia se deu de modo planejado e articulado ao propósito de contrapor-se ao pensamento machista sobre a mulher. Nesse sentido, constatou-se a ocorrência de formas do discurso marcado e do discurso bivocal, com a predominância daquelas.

Palavras-chave: representações; mulher; dissertações; vozes; posicionamento.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2023.203977>.

ⁱ Mestranda em Linguística do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Igarassu, PE, Brasil. E-mail: aline.borgessilva@ufpe.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0874-1172>.

Introdução

A necessidade de assumir um posicionamento é, cada vez mais, uma realidade dentro e fora do ambiente escolar, tendo em vista, por exemplo, a popularização das redes sociais e o aumento do acesso à informação. Conforme a perspectiva bakhtiniana, segundo a qual o dialogismo caracteriza o funcionamento da linguagem (BAKHTIN, 1997), entende-se que esse posicionamento se mantém sempre em interação com outros e pode manifestar, em resposta a eles, as mais diversas relações, como concordância, desacordo, refutação ou antecipação, o que faz do signo o lugar da luta social, onde interesses sociais contraditórios se entrecruzam e fundam sua pluralidade (BAKHTIN, 2006).

No que tange aos gêneros fundamentalmente escolares, a multiplicidade de vozes é um constituinte fundamental, a exemplo da dissertação argumentativa, que se caracteriza, principalmente, pela mobilização de ideias em defesa de um ponto de vista. Mais do que a expressão de uma opinião, importa, para tal trabalho, a utilização de estratégias argumentativas em prol do convencimento do leitor (BRASIL/INEP, 2020). Dentre essas, destaca-se a orquestração das diversas vozes sociais, pois, apesar de o espaço concedido ao discurso alheio ser fundamental para o estabelecimento da comunicação discursiva, é o modo como o sujeito as combina que possibilita a organização estratégica dos discursos articulados para a defesa de uma tese (POLACHINI, 2014), isto é, do posicionamento axiológico.

Em contrapartida, a dissertação argumentativa tem sido recorrentemente associada nos últimos anos a uma escrita artificial, descontextualizada e monológica. Isso porque, estando situada em importantes práticas sociais avaliativas — tal como o ENEM, atualmente principal meio de acesso ao ensino superior no Brasil —, terminou por ser concebida de fato assim, como um tipo de enunciado de estrutura fixa, traduzida na seleção de certos recursos considerados obrigatórios (SILVA, 2020, p. 112). Nessas condições, entende-se que, se há um interlocutor para o aluno, esse é apenas o indivíduo que avalia, desconsiderando as demais relações que perpassam o exercício argumentativo, como entre o sujeito-produtor e a proposta de redação e o sujeito-produtor e o meio sócio-histórico (GUARIGLIA, 2012).

À vista disso, este trabalho objetiva analisar a orquestração das diversas vozes sociais na construção de posicionamentos axiológicos em relação à mulher em dissertações argumentativas de concluintes da educação básica. Em decorrência, tem como objetivos específicos (1) entender a importância das relações dialógicas para a emergência de um ponto de vista; (2) observar como o gênero dissertação argumentativa, com suas propriedades, possibilita a expressão do posicionamento axiológico; (3) verificar as formas como a situação

extraverbal se integra ao enunciado, dando-lhe significação. Para tanto, fundamenta-se teoricamente nos estudos precursores e contemporâneos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), tais como Bakhtin (1997; 2006), Faraco (2009), Fiorin (2011), Guariglia (2012), Polachini (2014) e Rodrigues e Rangel (2015).

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da cidade de Recife (PE), com duas turmas de 3º Ano. A coleta de dados se deu por meio da disponibilização de uma ficha, de autoria própria, com a proposta de produção *A figura da mulher na sociedade brasileira contemporânea*, acompanhada de quatro textos motivadores. Os gêneros desses textos, a sua disposição no espaço gráfico, as instruções para a escrita, assim como a fonte e tamanho das letras utilizados na ficha baseiam-se no modelo da prova de Redação do ENEM, a fim de instaurar uma experiência familiar de práticas em relação ao gênero para o estudante, o que amplia o seu domínio sobre ele e sobre a situação comunicativa que o engendra (PRADO; MORATO, 2017).

A etapa ocorreu em um único encontro com duração de 1h30min, em que não houve intervenções quanto a comentários sobre a temática. Ao todo, foram coletadas sessenta e nove dissertações, das quais duas foram selecionadas pelo critério de Amostragem Aleatória Simples (AAS).

Sendo assim, este artigo se organiza do seguinte modo: a princípio, faz-se um percurso por alguns conceitos teóricos basilares ao estudo do trabalho do sujeito com as vozes alheias no enunciado, a saber, dialogismo, voz, compreensão, posicionamento e autoria; em segundo lugar, realiza-se a análise do *corpus* de pesquisa, observando o entrelaçamento de enunciados operado pelo produtor para construir um posicionamento axiológico sobre a mulher; por fim, apresentam-se as considerações finais, momento em que são comentados os principais resultados alcançados pela pesquisa.

1. As faces do diálogo na dissertação-argumentativa

Segundo Bakhtin (2006, p. 17), toda enunciação é uma forma de réplica e não existe fora de um contexto social, pois cada locutor tem seu próprio horizonte, “pensa e se exprime para um auditório social bem definido”. Nesse sentido, a dissertação argumentativa é um exemplo interessante da operação desse modo dialógico, porquanto ativa uma série de inter-relações responsivas em sua construção, instaurando um evento comunicativo concreto e único, no qual “a língua comum se encarna numa forma individual” (BAKHTIN, 1997, p. 284).

O estudo da dissertação argumentativa implica considerar diferentes tipos de dialogismo. Na distinção adotada por Mendes e Costa (2020), primeiramente há o dialogismo constitutivo da língua, pois as palavras, como signos, têm materialidade/essência no ideológico e, assim, representam a realidade de um

lugar valorativo (RODRIGUES; RANGEL, 2015). Por tal motivo, a nomeação é tão importante no trabalho argumentativo, uma vez que revela a percepção do indivíduo em relação ao objeto de discurso e aos que o nomeiam de forma diferente (CUNHA, 2017). Por seu sentido amplo, tal acepção é a mais frequentemente abordada nas teorizações sobre o dialogismo.

Tratando desse primeiro conceito, Fiorin (2011) coloca que o enunciado tem o poder de revelar duas posições, exibir seu direito e seu avesso. O autor exemplifica a questão com o enunciado “Negros e brancos têm a mesma capacidade intelectual”, explicando que ele só pode ser entendido à luz de um enunciado de valor contrário, ou seja, racista. Ressalta-se que esse movimento responsivo é evidente nas dissertações argumentativas, principalmente pelo fato de a sua escrita ser normalmente *motivada* não apenas pela leitura dos textos componentes da proposta temática, mas também pela mediação feita pelo professor e pelos colegas durante a atividade.

Essas influências norteiam a produção do estudante de tal modo que, em certos casos, constituem as principais únicas vozes que ele toma para expressar o seu ponto de vista. Então, o aluno tensiona o seu discurso interior com o que lhe é apresentado e, nesse mesmo discurso interior, apreende e aprecia o discurso do outro (WITTKKE, 2018). É o que mostra Guariglia (2012, p. 90):

A construção do raciocínio opinativo crítico — e não somente expositivo — não dispensa a contraposição de discursos, pois a gênese de um discurso é o seu contraditório. Assim, mesmo um sentido do senso comum passa pela dialética de seu avesso, apesar do eventual apagamento desse avesso no exercício da argumentação (GUARIGLIA, 2012, p. 90).

Em segundo lugar, tem-se o dialogismo composicional, o diálogo no plano dos enunciados. Ele pode se dar de maneira implícita (interdiscursiva) ou evidente (intertextual), quando se “pega emprestado” o discurso do outro para compor o próprio (MENDES; COSTA, 2020). Tal tipo é também não apenas esperado como natural nas dissertações, pois a inclusão de outras vozes, a demarcação do sujeito produtor como um *eu* frente a *outro(s)*, ajuda o sujeito a compor o seu posicionamento autoral (NÓBREGA; ABREU, 2015), manifestado, além das escolhas de palavras, nas formas de enquadramento de dizeres do outro, nos comentários prévios ao discurso citado, nas reacentuações, nas formulações etc. (CUNHA, 2017).

Nóbrega e Abreu (2015, p. 253) mostram também que, na produção textual escolar, geralmente os alunos utilizam as vozes mais ligadas às suas experiências pessoais. Conforme as autoras, “o ato de argumentar está relacionado às vozes presentes no contexto cultural e é constituído por discursos ideológicos que colaboram para a persuasão e para o convencimento do outro”. A grandeza do pensamento bakhtiniano está, entre outros fatores, em perceber

que, no momento em que constroem o enunciado, essas interações com outros seres humanos e com o meio constroem também o próprio indivíduo, fazendo-o único em sua individualidade, responsabilidade e papel social (PETRUS *et al.*, 2022).

O aluno, portanto, não vai para a escrita de sua dissertação como um sujeito neutro e monológico a mobilizar apenas vozes externas, nem sai dessa situação comunicativa específica sem modificar-se. Assim como a cadeia verbal de enunciados, ele mesmo é um ser inacabado e em processo, e, desse modo, a sua participação nos diversos contextos enunciativos gera consequências mais profundas em sua própria personalidade. Como explicam Petrus *et al.* (2022, p. 18, grifos nossos),

o enunciado assume completude e incompletude, *divergências discursivas* gerando alteridade, pois habita em meio a interação entre *sujeitos díspares* que se colocam como *autores*, aqueles que *dizem a palavra e se apropriam do mundo* e ao mesmo tempo *são alterados pela palavra alheia* (PETRUS *et al.*, 2022, p. 18, grifos nossos).

Nesse panorama, conforme Faraco (2009), cabe pensar a linguagem na interação não como estrutura, mas sim como atividade, produto de uma ação intersubjetiva que, internalizada, torna-se intrasubjetiva. Nos termos do autor,

É a linguagem que funda, para Bakhtin e seu Círculo, a articulação social/individual. Sua materialidade permite uma abordagem não-idealista da consciência; sua heterogeneidade, uma abordagem não-determinista; e sua dinâmica responsiva é o ponto de convergência do individual e do social (FARACO, 2009, p. 151-152).

A propósito, a expressão “divergências discursivas” de Petrus *et al.* (2022) requer aqui um comentário. Entrar no diálogo pressupõe o conflito, o entrelaço com palavras interiorizadas, que ora operam como voz de autoridade, centrípeta e resistente à adesão a outras vozes, ora como voz internamente persuasiva, centrífuga e aberta à mudança (FARACO, 2009). Logo, o enunciado do aluno é, na realidade, um mosaico de enunciações, algumas muitas vezes esquecidas, as quais compõem a memória discursiva que ele inconscientemente toma como base para formular seu discurso (MUSSIO, 2015).

Dessa forma, ainda de acordo com Faraco (2009, p. 86), a reelaboração de enunciados alheios pode efetuar-se no jogo com a alteridade não percebida, mas constitutiva e constituinte do enunciado, ou com a alteridade reconhecida e usada pelo indivíduo como meio para construção de sentidos. Nesse último caso, as palavras alheias “são citadas direta ou indiretamente, são aceitas incondicionalmente ou são ironizadas, parodiadas, polemizadas aberta ou

veladamente, estilizadas, hibridizadas”, gerando no enunciado, a um só tempo, a expressão da voz do outro e da voz própria.

Tal evento configura o que Bakhtin (1997) chama de palavra bivocal. A questão é importante, dentre outras razões, pela contribuição aos estudos acerca do conceito de autor, o qual “seria sempre essa segunda voz em um enunciado, toda vez que adota palavras cuja ressonância é ampla, mas que neste novo enunciado são articuladas para servir a uma nova perspectiva” (ARÁN, 2014, p. 20). Para o filósofo, é essa segunda voz que torna possível a criação da obra, uma vez que impede o autor de se confundir com os elementos representados e de não alcançar, assim, a extraposição necessária ao engendramento do ato estético.

Ainda conforme Bakhtin (1997), uma manifestação elementar e comum da bivocalidade é a reprodução das palavras do interlocutor com uma inflexão modificada, que está presente desde a prática verbal cotidiana. O autor exemplifica isso com o fenômeno da entonação, que pode ser, por exemplo, perplexa, interrogativa, aprovadora, indignada. Isso ocorre pois o falante, naturalmente ao tomar a palavra, cria sentidos que indicam a sua posição em relação ao enunciado alheio. Como explica Bubnova (2011, p. 277), “o processo da compreensão da palavra alheia reproduzida implica sempre um deslocamento do sentido ao atualizá-la. O que reproduzimos como opinião de alguém nunca é cem por cento idêntico ao original.” Além disso, a autora acrescenta que o ângulo da mútua refração entre as vozes pode oscilar em uma infinita gradação de sentidos, tendo desde a possibilidade de estar de acordo até uma franca subversão, negação oculta e escândalo mitigado pela escrita.

Por tal razão, entende-se aqui claramente a concepção de uma unidade de análise não do sistema da língua, mas da comunicação verbal – o enunciado. A sua particularidade está em ser irrepitível, considerando-se que nele uma oração ou palavra, se reiterada, sempre dará origem a um novo enunciado.

De volta à questão inicial das formas do dialogismo, Brait (1994) traz exemplos que possibilitam sumarizar tais especificidades dessas relações de sentido entre enunciados. O primeiro caso citado pela autora é o dialogismo intencional, já apresentado, o qual possibilita aproximar vozes que nunca se cruzaram, mas que, ao serem confrontadas em um mesmo espaço material, resultam num discurso dialógico. O segundo exemplo compreende a terceira e última acepção de dialogismo da sequência aqui apresentada, o dialogismo do próprio sujeito:

Da mesma forma, e de uma perspectiva psicanalítica, há o dialogismo não-intencional, representado pelas inúmeras vozes que habitam um indivíduo, constituindo a fala interna e condicionando um incessante diálogo, pois, para Bakhtin, os elementos históricos, sociais e linguísticos atuam de forma decisiva no cerne da personalidade do indivíduo e se manifestam de forma dialógica em seus discursos (BRAIT, 1994, p. 24-25).

Logo, conforme Mendes e Costa (2020, p. 19), “a dialogia sempre remete a uma relação — entre signos, entre enunciados e entre indivíduos”, e “essas relações só podem existir a partir dos atos de fala, de escrita, de produção de enunciados, ou seja, da enunciação”. Em suma, tal qual os sujeitos, os textos só se constituem quando em contato com outros textos, tornando possível ver o que está dentro e o que está à frente, e visualizar não somente outros textos, mas os elementos extratextuais (BARONAS; ARAUJO; PONSONI, 2013).

1.1 Palavras e contrapalavras: o lugar do posicionamento

Escrever, naturalmente, é uma atividade desafiadora, pois não há como calar os outros falantes vivos no enunciado que se elabora. Conforme Ponzio (2010), o destinatário da palavra tem uma posição de quem responde de forma ativa, e essa posição responsiva está em jogo desde o início do encontro de palavras, às vezes, literalmente, desde a primeira palavra do falante. Da mesma forma, o estudante se vê às voltas com seu enunciado já no momento da leitura da proposta temática – em que sua compreensão ativa carrega o germe da resposta (BAKHTIN, 2006, p. 135). Dessa maneira,

Como a palavra lida é sempre o momento e lugar da “startização” de muitas outras palavras do leitor, suas contrapalavras, a compreensão resulta não do reconhecimento da palavra aí impressa, aí ouvida, mas do encontro entre a palavra e suas contrapalavras (na metáfora bakhtiniana, na faísca produzida por este encontro) (GERALDI, 2002, p. 5).

Do mesmo modo, a compreensão não trata de “mera experiencição psicológica da ação dos outros, mas uma atividade dialógica que, diante de um texto, gera outro(s) texto(s)” (FARACO, 2009, p. 42). Esse processo é infinito e inacabado, pois a ampla cadeia verbal de enunciados não tem nem princípio nem fim absolutos. Consequentemente, o aluno falante é também um respondente, pois não foi o primeiro a enunciar, e a relação de seu dizer com as coisas nunca é direta. Suas palavras não tocam as coisas, antes penetram a tensa camada de discursos sociais que as recobrem (FARACO, 2009, p. 49) para formar ali um acontecimento discursivo denso de suas próprias condições de produção, em que “estruturas linguísticas que inevitavelmente se reiteram também se alteram, a cada passo, em sua consistência significativa” (GERALDI, 2002, p. 4).

Os limites do enunciado são, pois, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso, já que “cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva” (BAKHTIN, 1997, p. 295). Essa resposta, ainda que venha sob a forma de silêncio, já é por si uma tomada de posição, uma expressão do posicionamento

axiológico, pois o sujeito não tem a opção de ser indiferente a tudo que não seja ele, isto é, o outro. É obrigado a agir, mesmo que o faça apenas interiormente (BAKHTIN, 2010). Nesses termos,

o diálogo não é o limiar da ação mas a própria ação. Tampouco é um meio de revelação, de descobrimento do caráter como que já acabado do homem. Não, aqui o homem não apenas se revela exteriormente como se torna, pela primeira vez, aquilo que é, repetimos, não só para os outros mas também para si mesmo. Ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência, não poder nem dever terminar (BAKHTIN, 1981, p. 222).

Portanto, o enunciado se faz duplamente endereçado — a uma parte anterior e à outra futura —, e, nessa fronteira, é um lugar de conflito, onde índices sociais de valor se entrecrocaram e fazem emergir, no mesmo material semiótico e no mesmo signo, uma nova forma de recortar o mundo, uma nova axiologia, que resulta nas inúmeras semânticas, nas várias verdades, nos inúmeros discursos, nas inúmeras línguas ou vozes sociais com que atribuímos sentido ao mundo (FARACO, 2009).

Logo, a dissertação argumentativa possibilita ao aluno assumir um posicionamento no interior do diálogo com outras vozes, na medida em que não apenas pressupõe o outro, mas é a imagem mesma dele que leva o escritor a promover determinados ajustes em seu texto, em função das expectativas que antecipa em relação a seu interlocutor. Em outras palavras, “o escritor se desloca de sua posição para assumir o lugar desse outro imaginado, distancia-se de seu texto e o revisa” (MENDES; COSTA, 2020, p. 21). Isso requer identificar-se com o outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, coincidir com ele, para que, de volta ao lugar único ocupado inicialmente, complete-se seu horizonte por meio do excedente de visão adquirido (BAKHTIN, 1997).

Embora tal discussão acerca do acabamento do eu pelo outro tenha sido pensada para as relações no domínio estético, entende-se, pela mesma ótica bakhtiniana, que essas relações são constitutivas da linguagem e de todo e qualquer discurso e é por meio delas que o autor conclui seu enunciado (PUZZO, 2015). Logo, o dialogismo é, sobretudo, um princípio filosófico de agir pelo contraste com outros atos, uma “condenação ética” de levar o outro em conta (SOBRAL, 2009). Em suma,

Pelo princípio da exotopia, eu só posso me imaginar, por inteiro, sob o olhar do outro; pelo princípio dialógico, que, em certo sentido, decorre da exotopia, a minha palavra está inexoravelmente contaminada do olhar de fora, do outro que lhe dá sentido e acabamento. Em suma, no universo bakhtiniano nenhuma voz, jamais, fala sozinha. E não fala sozinha não porque estamos, vamos dizer, mecanicamente influenciados pelos outros — eles lá, nós aqui, instâncias isoladas e isoláveis — mas porque a natureza da linguagem é inelutavelmente dupla (TEZZA, [s. d.]).

Por isso, na realidade, o que existe não é uma forma acabada, pronta, mas sempre em devir. Havendo sempre atrás do texto um sujeito, uma visão de mundo, um universo de valores com que se interage (FARACO, 2009, p. 43), há sempre novas valorações e sentidos a serem despertados pelo encontro de consciências na interação socioverbal. Por conseguinte, “o texto é reelaborado, reinterpretado e acabado a cada vez que um destinatário diferente entra em contato com ele, preenche os vazios interpretativos com suas próprias convicções e ideias, reinterpreta os valores axiológicos do autor à luz de seus próprios valores e ideologias” (MENDES; COSTA, 2020, p. 23).

Pode-se colocar, então, que a palavra do sujeito é plena de alteridade, visto que a sua existência convoca as palavras do outro a entrar no diálogo e imprimir nele novos acentos de valor, novas matizes de sentido, de um modo inelutavelmente próprio. É o que explica Ponzio:

A palavra enquanto ato singular e responsável, como o considera Bakhtin, vive na relação de alteridade como relação de *diferença não indiferente*. Trata-se da palavra como evento irrepetível que, enquanto tal, subtrai-se à *indiferença* de um sujeito cognoscente, a uma consciência abstrata, a uma visão teórica. E se subtrai justamente pela *não-indiferença* que consiste, de um lado, na responsável participação de quem a assume como seu ato e, de outro, na responsável participação que essa já requer, na sua própria forma, no seu *dizer* além do conteúdo, no seu *dito*, daquele ao qual se dirige de modo único, irrepetível e insubstituível (PONZIO, 2010, p. 32, grifos do autor).

Portanto, como referido, o acontecimento único da existência e o lugar único que se ocupa nela é o que implica essa orientação axiológica, a impossibilidade de ser neutro (BAKHTIN, 1997, p. 144). Nesse aspecto, entende-se que a produção do enunciado dissertação argumentativa é apenas uma das muitas formas de o aluno gravar na história a sua singularidade, pois o ato de viver é já sozinho, em última análise, estar condicionado a performar gestos axiologicamente responsivos num processo incessante e contínuo (FARACO, 2009, p. 22).

2. Análise das dissertações: descobrindo o caminho das vozes

Segundo Bubnova (2011), a escrita é privilegiada na concepção bakhtiniana como um percurso capaz de traduzir a voz humana na medida em que é portadora dos sentidos da existência. Analogamente, nas produções analisadas, os alunos atualizaram esses sentidos ao confrontar o signo *mulher*,

como se vê logo a seguir¹, em que o aluno inicia o texto acionando tal memória discursiva, particularmente as valorações sociais sobre o gênero:

Texto 1

Quando falamos a palavra “mulher”, vem na nossa cabeça uma dona de casa cuidando dos seus afazeres, fazendo o seu papel “como mulher”. Muitas vezes a figura feminina é vista de forma fraca, frágil e indefeza, nos causando a impressão de que a mesma só está apta para exercer funções pré-determinadas como arrumar a casa, cuidar dos filhos e ser uma boa esposa, nos levando a crer que elas não são capazes de cumprir com outras funções o que na prática não é verdade.

No Brasil ao longo dos anos ocorreram diversos protestos e manifestações feita por mulheres que lutam pelo seu espaço na sociedade não só como uma “senhora do lar”, mas também, como uma policial, uma bombeira e até mesmo uma presidente, cargos estes que são voltados para homens pois os mesmos possuem “vocação” para isto. [...] (grifos nossos).

No excerto, percebe-se que o aluno² desenvolve uma contextualização da temática já revelando, no tratamento dado à voz alheia, uma intenção discursiva de contestá-la, que preside todo seu enunciado (KNOLL; PIRES, 2020). Essa é evidenciada pela utilização das aspas, que não se faz de maneira igual ao longo do texto. No primeiro caso, aponta uma unidade linguística, que possui *significação* e é, portanto, reiterável. Nas demais ocorrências, as aspas isolam os limites de um enunciado, unidade da comunicação verbal, a qual possui um *tema* individual e único, gerado em cada situação concreta de realização (BAKHTIN, 2006). Logo, as expressões “como mulher”, “senhora do lar” e “vocação” configuram o discurso alheio demarcado (FIORIN, 2011) e, assim, exemplificam o funcionamento do dialogismo no interior de um mesmo texto, o qual passa a atuar “como um intertexto que responde ou dialoga com outros” (KNOLL; PIRES, 2020, p. 343).

A declaração inicial do texto faz referência ao próprio conceito tratado neste trabalho, quer dizer, o da palavra como um signo ideológico, portadora de uma valoração social, da qual não podemos escapar ao usá-la — “vem na nossa cabeça”. O texto engenhosamente prova isso quando traz ecos desse imaginário social nos trechos “como mulher”, “senhora do lar” e “vocação”, os quais são citações diretas à voz machista — particularmente masculina — facilmente lembrada, por sua dominância, quando se enfrenta o signo *mulher*.

Vale destacar que a voz alheia poderia ser reconhecida como tal no fio do discurso do estudante caso não fossem utilizadas as aspas, mas o uso dessa

¹ Os trechos foram reproduzidos tal como escritos originalmente pelos estudantes. Logo, não foi realizada a revisão gramatical.

² Escolheu-se fazer uso do masculino genérico para se referir aos participantes da pesquisa sem identificá-los.

pontuação possivelmente serve aqui ao propósito de precisar a extensão do enunciado do outro e, ao mesmo tempo, expressar um afastamento em relação a ele (SILVA, 2020). Significa, então, algo para além do sinal linguístico. Especialmente no plano argumentativo, evidencia a não identificação das vozes e a disputa de sentidos do enunciado.

Inicialmente, o produtor aproxima a si e a seus interlocutores dessa *outra* voz, aludindo à adesão tácita em algum grau desses participantes do diálogo à mesma concepção que ela assume sobre o gênero feminino. Nesse contexto, a marca linguístico-discursiva da primeira pessoa do plural contribui com esse projeto discursivo, conferindo ao texto um tom de conversa com o leitor. Logo adiante, o aluno prossegue dando mais pistas acerca das crenças sobre a mulher exemplificadas na voz anteriormente citada, desta vez de maneira mais objetiva, impessoal, analítica — “muitas vezes a figura feminina é vista de forma fraca, frágil e indefeza”. Tal construção do trecho o faz assumir, no todo do parágrafo, um valor de fato, de dado da realidade, sendo capaz de exercer semanticamente uma relação de causa e consequência com o primeiro período do texto, comentado acima.

No texto 1, o fio condutor da argumentação é, portanto, além do preconceito contra a mulher, a desigualdade entre os gêneros, já que a dissertação alude claramente a enunciados sexistas, os quais têm por fundamento a criação de estereótipos para os gêneros. É interessante perceber que tais fatores demonstram um indivíduo atento à realidade para o qual a proposta temática aponta e seguro de sua posição em relação a ela, como se vê na modulação do discurso em “causando a impressão” e “levando a crer”. Tais trechos indicam não apenas a não identificação do produtor com os enunciados citados, mas também o seu reconhecimento do caráter falacioso das narrativas que os inspiram e da normalização com que elas têm sido aceitas e reproduzidas. O estudante apresenta, assim, a questão do machismo estrutural. Paralelamente, o uso do marcador de exclusividade — “só” — na linha 4 e de negação — “não” — na linha 6 instaura um tipo não marcado de inserção do discurso do outro no enunciado, o discurso bivocal (BAKHTIN, 1997).

Consequentemente, antes mesmo de o aluno formular propriamente a sua tese na linha 7 — “o que na prática não é verdade” —, a sua voz é ouvida sob a voz alheia nesses enunciados, negando-a. Assim, é possível ler-se que a mulher *não* só está apta para exercer funções domésticas e maternais (linha 4) e as mulheres *sim* são capazes de cumprir outras funções (linha 6). Além disso, embora a voz a que o indivíduo responde não corresponda a um sujeito identificado, é personalizada, isto é, liga-se a um autor, pois aponta para uma vontade criadora e uma posição determinada à qual se pode reagir dialogicamente (BUBNOVA, 2011). Desse modo, nos últimos exemplos abordados, a resposta do sujeito e o enunciado para o qual essa reação se dirige

estão dados num mesmo espaço semiótico, na palavra, em que há a mistura entre as vozes, sendo a voz do outro reacentuada pela voz do aluno.

O antagonismo dessas vozes não explícitas no enunciado ainda configura um caso de polêmica velada, já que a construção discursiva claramente aponta para posições em confronto (FIORIN, 2011). O discurso direto contribui com esse projeto de discordar aparentemente concordando, como demonstra o trecho das linhas 12 a 14. Nele, a palavra “vocação”, como justificativa para a ocupação de certos cargos pelo homem, é um argumento usado pelo grupo que se opõe ao envolvimento da mulher na política, recuperado do primeiro texto motivador³ da proposta, cujo tema era a manifestação do presidente nacional do PSL Luciano Bivar contra o aumento da eleição de mulheres na política.

A reprodução desse enunciado na dissertação do estudante provoca um sentido de efeito contrário ao esperado, na medida em que o recorte operado pelo estudante põe em xeque o valor de verdade da voz citada. Logo, como efeito da sobreposição de valorações, o enunciado assume uma feição irônica, pois gera um duplo sentido pela combinação do dito e do não dito no ato enunciativo, sendo a atitude deste dada em relação àquele (SANTOS; MARQUES; RODRIGUES, 2019).

Dessa maneira, o uso da palavra alheia, ancorado na ambiguidade característica da ironia, promove no enunciado, como já apontado, uma atualização de sentidos sob a forma de um questionamento à visão sexista, expondo a sua fragilidade e inadequação. Esses sentidos são gerados de uma forma indireta, pois, para defender o seu posicionamento, o estudante estrategicamente deixa para o leitor a tarefa de encontrar o erro do pensamento discriminatório em uma de suas principais ideias — a incapacidade feminina. Logo, nota-se que tais valorações são ativadas necessariamente junto ao interlocutor, uma vez que a ironia apresenta um papel argumentativo que obriga a sua participação no reconhecimento da verdadeira intenção do autor (MORAES, 2011).

Junto a isso, a menção anterior aos movimentos de oposição – “diversos” e ocorridos “ao longo dos anos” – encaminha o leitor à constatação da insustentabilidade desse cenário, na medida em que as mulheres, tendo conquistado direitos, já ocupam espaços para além do ambiente doméstico, no entanto ainda se defrontam com a dificuldade de ter de mostrar serem capazes de atuar “como uma policial, uma bombeira e até mesmo uma presidente”.

Já no texto 2, apresentado a seguir, encontra-se um novo exemplo de construção de parceria com o interlocutor. O aluno dessa dissertação recorre ao senso comum, ao que é de conhecimento geral, como uma porta de entrada segura para o texto e a une a uma declaração inicial forte, que já expressa a visão

³ Cf. <https://capricho.abril.com.br/comportamento/5-vezes-que-o-governo-se-posicionou-de-forma-irresponsavel-com-as-mulheres/>.

do autor. Estão assim colocados os elementos capazes de conquistar a atenção desse leitor e envolvê-lo no texto:

Texto 2

Tendo em vista o atraso do nosso país na pauta do lugar da mulher na sociedade contemporânea, deve-se confrontar com inteligência *as mãos que tentam calar a voz feminina, homens, em sua maioria*.

Herdada de tempos muito distantes, a dominação dos homens sobre as mulheres ocorria em todos os aspectos, tanto no econômico quanto no moral, de modo que *o próprio direito fundamental de ir e vir, presente na nossa constituição atual, estava mais para um “meio direito”, acabando conforme a permissividade do marido*. O que surgiu como meio de aumentar a funcionalidade e a eficiência da produção de sustento da sociedade, acabou ao mesmo tempo com a liberdade feminina, resultando em toda sorte de intempéries que assombram esta população.

Começando pela figura da mulher, *constituída de fragilidade, desamparo na ausência de um homem, e um ser destinado a gerar e a cuidar de crianças*. Ainda hoje vemos, mesmo na esfera política comentários que impõem os ofícios das artes ou dos cuidados — isto é, da saúde —, como algo essencialmente feminino, à exemplo do que disse o Presidente do PSL, Luciano Bivar, sobre a política não ser *“da mulher”*. Tal contratempo impede com frequência as políticas assertivas para a mulher, como a distribuição de absorventes gratuitos etc., *coisas que só as mulheres sabem de fato de sua necessidade*. [...] (grifos nossos).

Essa dissertação, em especial, demonstra uma organização estratégica no desenvolvimento das partes da dissertação. Em sua abertura, o autor, pautado na urgência do tema, constrói um raciocínio lógico de implicação, anunciando o alvo da crítica e a sua posição em relação a ele, pela seguinte fórmula — “Tendo em vista o atraso [...], deve-se confrontar [...]”. Nesses termos, o aluno proposadamente introduz os homens como fonte das representações errôneas da mulher vigentes na sociedade.

Na sequência, além da voz machista masculina, elemento comum nos dois textos analisados, o aluno cita a voz da Constituição para apontar a incompleta efetividade do aparato legal no que tange à mulher, posto que o homem era o intermediário de suas relações. Essa é uma observação perspicaz, pois o aluno observa que os direitos humanos não funcionam igualmente entre os gêneros, afinal até há pouco tempo (séc. XVIII) as mulheres não eram consideradas humanas, mas filhas ou esposas de humanos (COLLING, 2019). Desse modo, ele consegue defender com êxito o ponto de vista de que a sociedade sempre enxergou a mulher como um ser dependente do homem e à mercê de sua vontade.

Ainda cumpre apontar nesse trecho o uso das aspas em “meio direito”, motivado não pela inclusão de uma nova voz no enunciado, mas pelo reconhecimento e antecipação do aluno do estranhamento que a expressão

suscita. A palavra “direito”, significando garantia, asseguramento, é avessa à ideia de um benefício parcial, com condições. Por isso, a construção do enunciado revela um tom sarcástico do aluno à medida que apresenta a face absurda do problema, como fica claro pelo duplo reforço da natureza do direito que está sendo abordado, posta em contraponto com a sua validade prática: “o *próprio* direito *fundamental* de ir e vir, presente na nossa constituição atual, estava mais para um ‘*meio* direito’ [...]”.

Das linhas 14 a 16, há novamente a presença da voz alheia, o que pode ser percebido pelo contraste que o trecho estabelece com o início do texto, onde o enunciador é contrário à visão machista acerca da mulher. Aqui a inserção da voz é feita de um modo que se aproxima ligeiramente do discurso indireto livre. Nesse tipo de construção, há uma certa dificuldade de distinguir a voz citada da citante, pela ausência de indicadores para demarcação do início e fim do enunciado citado, como os dois pontos e o travessão do discurso direto ou a conjunção integrante do discurso indireto, tal como se vê no presente exemplo.

Assim, embora seja evidente que o produtor não compactua com a visão que apresenta da figura feminina, o modo como o seu enunciado está pontualmente construído faz com que o trecho “constituída de fragilidade, desamparo na ausência de um homem, e um ser destinado a gerar e a cuidar de crianças” possa ser atribuído simultaneamente a ele e ao indivíduo machista. Diferentemente do texto 1, no qual a sobreposição das vozes, como efeito irônico, é parte da intenção do sujeito de subverter a lógica machista — motivo para o uso das aspas —, no texto 2, a diluição das fronteiras entre uma e outra voz é uma questão sintática, causada pela forma de enquadramento da voz social refratada no enunciado do aluno. É de se notar que a entrada dessa voz é importante por especificar o objeto da discussão, permitindo ao leitor entender qual é a concepção da mulher que o autor está confrontando no momento.

Ainda a esse respeito, enquanto o texto 1 apenas alude ao posicionamento de Luciano Bivar acerca da maior participação política feminina, o texto 2 faz uma citação direta de sua fala, apontando a autoria e informando, inclusive, sua ocupação — “disse o Presidente do PSL, Luciano Bivar”. Nesse movimento, o produtor instaura uma polêmica clara. Da fala é recortado, como voz externa, exatamente o trecho “da mulher”, o que endossa a crítica do texto à tendência sexista de segregar os gêneros em compartimentos estanques e incomunicáveis, com características preestabelecidas.

O estudante encerra, então, mostrando que, de fora dos espaços públicos de decisão e conseqüentemente sem chance de poder realizar maiores intervenções nos assuntos de interesse coletivo e particularmente nos relacionados a sua própria condição, à mulher resta esperar pelo “favor” do homem, gênero que socialmente tem a propriedade de ser “líder nato”. O aluno, então, resume o problema do pensamento de Bivar na falta de representatividade feminina.

Finalmente, a sub-representação da mulher é apontada no texto não apenas como um efeito, mas também como um dos pilares de sustentação dos ideais machistas, pois com “coisas que *só as mulheres* sabem de fato de sua necessidade”, o produtor não fala da ignorância masculina em relação ao universo feminino, nem apenas do tema da pobreza menstrual. A sua voz está voltada para a persistência da invisibilização da mulher, do descaso generalizado e da marginalização vivenciados pelo gênero, que fazem essa parcela social procurar em si mesma o único reduto de superação das desigualdades no acesso aos direitos. Nesse enunciado em específico, sob a voz do aluno, ecoa a voz feminista de apelo à aliança e ao fortalecimento mútuo entre as mulheres — à sororidade.

Portanto, ambos os textos guardam como elemento comum a presença das palavras do outro em sua feição original, *in natura*, significando que cada autor escolheu reproduzir em seu texto o acento apreciativo alheio e assim descortinar para o leitor o processo de formação de seu posicionamento. Com isso, entende-se que, mesmo o discurso direto já alterando a apreciação da voz citada, a produtividade desse recurso nos textos demonstrou haver uma necessidade de o aluno primeiramente situar e distinguir as forças que habitam a palavra — as quais concorrem pela centralização ou plurivalência dos discursos (FARACO, 2009) — para depois movimentar-se nessa zona heterogênea e assumir uma posição.

Conclusão

Neste trabalho, foram analisadas duas dissertações argumentativas observando-se o modo como elas reúnem e organizam diversas vozes sociais para estabelecer um posicionamento acerca da mulher. Assim, descobriram-se nos enunciados diferentes formas de dialogismo acionadas na estruturação do projeto argumentativo, resultantes da exploração do discurso marcado e não marcado, o que evidenciou, conforme os objetivos específicos do trabalho, a importância das relações dialógicas para a emergência do ponto de vista.

Desse modo, a voz alheia entrou na composição da voz do aluno tanto de maneira explícita quanto velada, com predominância do uso do discurso direto, embora, em certos momentos, sem a identificação da autoria. Nesses casos, a voz alheia foi tomada como uma lembrança, uma “presença ausente” de um enunciado de outrem, o que determinou o uso das aspas para demarcar as fronteiras entre uma e outra voz. Ao lado disso, também ocorreu o discurso bivocal.

Do mesmo modo, observou-se que a produção da dissertação argumentativa envolve práticas e momentos, como a leitura e discussão da ficha da proposta temática, que estimulam a orquestração de vozes pelo estudante no processo de criação de um posicionamento. Já internamente ao gênero, pôde-se constatar que tanto sua construção composicional quanto seu tema e estilo

possibilitam a expressão do posicionamento axiológico na medida em que preveem o uso de estratégias para expor e defender uma opinião, a partir da escolha pelo aluno de uma tese central e de argumentos que, ao longo do texto, vão confirmando-a aos olhos do leitor.

Finalmente, a análise dos exemplares permitiu avaliar a importância da situação extraverbal na constituição do enunciado. O uso produtivo das vozes no projeto de discorrer sobre os sentidos associados ao signo *mulher* na sociedade contemporânea só se fez possível pela participação do aluno no diálogo maior que estabelece em seu círculo social, com amigos, familiares, agentes midiáticos, entidades políticas, grupos ligados à causa feminina, por exemplo. ●

Referências

ARÁN, Pampa Olga. A questão do autor em Bakhtin. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 9, número especial, p. 4-25, jan./jul. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732014000300002>. Acesso em: 19 fev. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOSHINOV, V). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BARONAS, Roberto Leiser; ARAUJO, Lúgia Mara Boin Menossi; PONSONI, Samuel. Reflexões acerca da análise dialógica dos discursos verbo-visuais: um caso de humor na política brasileira. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 2, n. 8, p. 24-42, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732013000200003>. Acesso em: 17 fev. 2023.

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin*. 1 ed. São Paulo: Edusp, 1994. p. 11-27.

BRASIL/INEP. Diretoria de Avaliação da Educação Básica. *A redação do ENEM 2020: cartilha do participante*. 2020. Disponível em: <https://s4.static.brasescola.uol.com.br/vestibular/2021/01/a-redacao-do-enem-2020---cartilha-do-participante.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2023.

BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. Trad. Roberto Leiser Baronas e Fernanda Tonelli. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 268-280, ago./dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/7286>. Acesso em: 17 fev. 2023.

COLLING, Ana Maria. Direitos humanos e direitos das mulheres — desafios contemporâneos. In: CANABARRO, Ivo dos Santos; STRUCKER, Bianca (org.). *Memória & Direitos Humanos: desafios contemporâneos*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. p. 35-50.

CUNHA, Doris. Vozes e poder no telejornal: o funcionamento do discurso reportado no jornal nacional da Rede Globo. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 89-114, jun. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/128319/133040>. Acesso em: 17 fev. 2023.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2011.

GERALDI, João Wanderley. Leitura: uma oferta de contrapalavras. *Educar*, Curitiba, v. 18, n. 20, p. 77-85, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2099/1751>. Acesso em: 17 fev. 2023.

GUARIGLIA, Rinaldo. Diálogos na dissertação escolar: um estudo sobre os enunciados de senso comum e de polêmica. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 88-106, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/8877>. Acesso em: 17 fev. 2023.

KNOLL, Graziela Frainer; PIRES, Vera Lúcia. Análise dialógica do discurso e a sustentabilidade como valor da argumentação na publicidade: análise de anúncios de uma instituição bancária. *Revista Linguagem em Foco*, v. 12, n. 3, 2020, p. 339-360. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4371>. Acesso em: 17 fev. 2023.

MENDES, Mariana Reis; COSTA, Alexandre Ferreira da. Dialogia, enunciação e exotopia na análise do discurso — uma reflexão teórico-epistemológica. In: LIMA, Álisson Hudson Veras; PITA, Juliana Rodrigues; SOARES, Maria Elias (org.). *A linguística na teoria e na prática*. 1 ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 16-27. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/linguistica-teoria>. Acesso em: 17 fev. 2023.

MORAES, Anita Luisa Fregonesi de. Provérbios: da fala para a escrita. In: 1º COLÓQUIO INTERNACIONAL DE TEXTO E DISCURSO — CITeD, 1., 2011, Assis. *Anais eletrônicos [...]* Assis: UNESP, 2011, p. 551-565. Disponível em: http://www2.assis.unesp.br/fcl/livro/anais_cited/files/assets/basic-html/page551.html. Acesso em: 19 fev. 2023.

MUSSIO, Simone Cristina. Um olhar alteritário em Bakhtin: o estudo do enunciado como forma de diálogo. *Estudos Linguísticos*, n. 30, p. 178-190, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/16522#:~:text=Simone%20Cristina%20Mussio-,Resumo,a%20ser%20dial%C3%B3gico%20por%20natureza>. Acesso em: 17 fev. 2023.

NÓBREGA, Adriana Nogueira Accioly; ABREU, Adriana Rodrigues. Vozes argumentativas e posicionamento autoral na produção escrita escolar. *Gragoatá*, Niterói, n. 38, p. 247-267, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33309>. Acesso em: 17 fev. 2023.

PETRUS, Wilton; SANTOS, Elian da Silva; SANTOS, Adriana Cavalcanti dos; SOARES, Yana Liss Soares. A escrita e o outro: dialogismo e formação do sujeito autor. *Revista do GELNE*, Natal/ RN, v. 24, n. 1, p. 15-29, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/24572/15517>. Acesso em: 17 fev. 2023.

POLACHINI, Nathália Rodighero Salinas. *Redações do Enem/2012: réplicas ativas nas múltiplas vozes*. 2014. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas,

Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, 2014.

PONZIO, Augusto. *Procurando uma palavra outra*. 1 ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

PRADO, Daniela de Faria; MORATO, Rodrigo Altair. A redação do ENEM como gênero textual-discursivo: uma breve reflexão. *Cadernos CESPUC*, n. 29, p. 205-219, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/P2358-3231.2016n29p205>. Acesso em: 17 fev. 2023.

PUZZO, Miriam Bauab. Gênero discursivo, estilo, autoria. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 172-189, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/105646/106258>. Acesso em: 17 fev. 2023.

RODRIGUES, Jéssica Nascimento; RANGEL, Mary. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1015-1142, 2015. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/fd55/0f3abf58adf4421d0fbb271f331cd756cb18.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2023.

SANTOS, André Cordeiro; MARQUES, Girllayne Gleyca Bezerra dos Santos; RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti. A ironia como zona de confronto entre diferentes vozes/dizeres em comentários do Facebook. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 28-50, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/38576/27015>. Acesso em: 17 fev. 2023.


SILVA, Raul Guilherme Candido da. A construção do ponto de vista por meio das relações dialógicas da linguagem: o discurso do outro como recurso argumentativo em produções textuais de vestibulandos. *Leitura*, Maceió, n. 66, p. 11-121, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/10045/7904>. Acesso em: 17 fev. 2023.

SILVA, Telma Cristina Gomes da. O "Discurso de Outrem" em Bakhtin e o Círculo: por uma compreensão responsiva do texto. *Revista da Anpoll*, v. 51, n. 1, p. 48-58, jan./mai. 2020. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1252>. Acesso em: 17 fev. 2023.

SOBRAL, Adail. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. *Bioethikos*, v. 3, n. 1, p. 121-126, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/bioethikos/articulo/o-conceito-de-ato-etico-de-bakhtin-e-a-responsabilidade-moral-do-sujeito>. Acesso em: 17 fev. 2023.

TEZZA, Cristóvão. A construção das vozes no romance. *Cristóvão Tezza*, [s. d.]. Disponível em: http://www.cristovaotezza.com.br/textos/palestras/p_vozesromance.htm. Acesso em: 17 fev. 2023.

WITTKÉ, Cleide Inês. O papel do discurso do outro na crônica. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 16, n. 1, p. 103-117, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/4883/3855>. Acesso em: 17 fev. 2023.

 **Representations of women in argumentative dissertations of graduates of basic education: the orchestration of voices in the construction of axiological positioning**

 DIAS, Aline Milena Borges da Silva

Abstract: This work aims to analyze the orchestration of social voices in the construction of an axiological position in relation to women in argumentative dissertations of graduates of basic education. In view of this, the theoretical foundation is mainly based on the works of Bakhtin (1997; 2006), Faraco (2009), Fiorin (2011), Guariglia (2012), Polachini (2014) and Rodrigues and Rangel (2015). The research was carried out in a public school in the city of Recife (PE), where 69 productions were collected, of which two were chosen by the criterion of Simple Random Sampling (AAS). In both texts, the appropriation of the voice of others occurred in a planned and articulated way to the purpose of opposing the sexist thought about women. In this context, we found the occurrence of forms of marked speech and bivocal speech, with the predominance of the former.

Keywords: representations; women; dissertations; voices; positioning.

Como citar este artigo

DIAS, Aline Milena Borges da Silva. Representações da mulher em dissertações argumentativas de concluintes da educação básica: a orquestração de vozes na construção do posicionamento axiológico. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, n. 1. São Paulo, abril de 2023. p. 208-225. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

DIAS, Aline Milena Borges da Silva. Representações da mulher em dissertações argumentativas de concluintes da educação básica: a orquestração de vozes na construção do posicionamento axiológico. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, issue 1. São Paulo, April 2023. p. 208-225. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 31/10/2022.

Data de aprovação do artigo: 06/02/2023.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

